

Ata de Mesa-Redonda

Valorização Econômica da Floresta em Pé: Novas Perspectivas para o Desenvolvimento de Recursos Humanos

Proposta de criação de uma *Rainforest Business School*

Data: 21 de fevereiro de 2013, das 10h às 16h

Local: Sala de Eventos – IEA/USP

Estiveram presentes:

1. **Ana Lucia Azevedo** (Editora de Ciência e Meio Ambiente – O Globo)
2. **Anne Gander** (Banco Interamericano de Desenvolvimento)
3. **Betty Mindlin** (Antropóloga e Economista)
4. **Claudio Valladares Pádua** (Instituto de Pesquisas Ecológicas - IPÊ)
5. **Denis Benchimol Minev** (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas)
6. **Fabio Feldmann** (Ambientalista e Consultor – Fabio Feldmann Consultores)
7. **Francine S. C. Wey** (FSC Communications & Social Responsibility Consulting)
8. **Francisco Gaetani** (Secretário-Executivo do Ministério do Meio Ambiente)
9. **Gilberto Câmara** (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE)
10. **Helena Ribeiro** (Faculdade de Saúde Pública/USP)
11. **Henrique Paiva** (Gerente de Sustentabilidade da Siemens no Brasil)
12. **Henrique Rzezinski** (VP Policy & Corporate Affairs, BG Brasil)
13. **Ima Vieira** (Pesquisadora – Museu Paraense Emílio Goeldi)
14. **João Meirelles Filho** (Instituto Peabiru)
15. **John Redwood** (Aposentado do Banco Mundial e Consultor Internacional)
16. **José Goldemberg** (Docente – USP)
17. **José Pedro de Oliveira Costa** (Grupo Amazônia em Transformação – IEA/USP)
18. **Leandro Piquet Carneiro** (Instituto de Relações Internacionais/USP)
19. **Luis Fernando Laranja** (Kaeté Investimentos)
20. **Luiz Gylvan Meira Filho** (Inst. Tecnológico Vale para Desenvolvimento Sustentável)
21. **Marcelo Vespoli Takaoka** (Conselho Brasileiro de Construção Sustentável – CBCS)
22. **Maria de Lourdes Davies Freitas** (Grupo Amazônia em Transformação – IEA/USP)
23. **Maritta Koch-Weser** (Grupo Amazônia em Transformação – IEA/USP)
24. **Martin Grossmann** (Instituto de Estudos Avançados/USP)
25. **Oswaldo dos Santos Lucon** (Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo)
26. **Paulo Artaxo** (Instituto de Física/USP)
27. **Paulo Nogueira-Neto** (IB/USP e Membro do Conselho Nacional do Meio Ambiente)
28. **Paulo Sotero** (Brazil Institute – Woodrow Wilson International Center for Scholars)
29. **Pedro Jacobi** (FE/USP)
30. **Rita Zanetti** (Estagiária – Secretaria do Meio Ambiente)
31. **Roberto S. Waak** (AMATA Brasil)
32. **Roberto Smeraldi** (Amigos da Terra)
33. **Rosa Fonseca** (Coordenadora de Comunicação do Grupo Orsa)
34. **Sergio Antonio Garcia Amoroso** (Grupo Orsa)
35. **Sérgio Mindlin** (Instituto Ethos e Consultor em Governança e Sustentabilidade)
36. **Sergio Weguelin** (Superintendente da Área de Meio Ambiente – BNDES)
37. **Tasso Azevedo** (Engenheiro Florestal e Consultor)
38. **Vânia Rudge** (Grupo Centroflora)
39. **Warwick Manfrinato** (Grupo Amazônia em Transformação – IEA/USP)

Abertura do Evento (10h00 às 10h15)

Prof. Dr. Martin Grossmann, diretor do Instituto de Estudos Avançados, realizou a abertura da mesa redonda, dando boas-vindas aos convidados e destacando a importância do IEA como plataforma de crítica institucional. O diretor falou ainda sobre a relevância de trabalhos inovadores, com preocupação ambiental e em rede, como o projeto *Rainforest Business School* em pauta, apoiado pelo Instituto de Estudos Avançados.

Introdução ao Tema (10h15 às 10h45)

Maritta Koch-Weser, coordenadora do grupo de pesquisa “Amazônia em Transformação: História e Perspectivas”, apresentou uma introdução sobre o tema. Segundo Maritta, a proposta de criação de uma *Rainforest Business School* tem sua origem em dois Workshops, realizados no IEA em 2011, que tratavam da “Valorização Econômica da Floresta em Pé”.

Apesar de haver muitos projetos, cursos e pesquisas tentando realizar o sonho de um desenvolvimento sustentável nas florestas e melhorar as perspectivas econômicas das populações locais, de acordo com Maritta, nenhum deles mudou o quadro geral da realidade amazônica. Dessa maneira, muitos desafios continuam, pois oportunidades de pesquisa, mercado e aprendizagem pouco se viabilizam diante da ausência de recursos humanos especializados em *Rainforest Business*.

A *Rainforest Business School* planejada possuirá currículo ambicioso, abrangente, coerente e de qualidade, reunindo um mosaico de matérias disponíveis hoje somente de forma dispersa. A aprendizagem sistematizada com empreendimentos econômicos, inspirada nos *Case Studies* da *Harvard Business School*, produzirá pontes entre ciência, business development e setor financeiro.

Segundo Maritta Koch-Weser, a proposta a ser criada no Brasil pode abranger o que chamou de “Continente Florestal” (metáfora que designa as áreas do planeta ainda cobertas por florestas que, somadas, representam extensões territoriais proporcionais a continentes). O tripé Ciência Aplicada, *Business School* e *Rainforest Ventures* seria a base da estrutura acadêmica do programa, a ser supervisionado por um Conselho Científico-Ético independente.

Um consórcio acadêmico, que envolveria governo e empresas, geraria o desenvolvimento de um currículo e de um sistema de controle de qualidade que

proporcionariam a diferentes instituições a possibilidade de oferecerem cursos inovadores e de credibilidade na área. De acordo com Maritta, demandas internas e externas ao Brasil justificariam a iniciativa que combinaria ensino presencial e educação à distância.

Uma boa gestão do projeto possibilitaria o ensino em rede entre instituições, integrando feedbacks, pesquisas e oportunidades de mercado. As etapas para a criação da *Rainforest Business School* perpassariam por:

- 1) **Think** (definição de conceitos, objetivos e currículo; integração de capacidades existentes; formação de consórcio interinstitucional colaborativo; proposta gerencial e de governança; definição de modelo de financiamento etc.);
- 2) **Build** (fase incubadora AmazonIEA – 3 anos em que se conseguiria obter: currículo básico desenvolvido; pilotos em andamento; definições institucionais e interinstitucionais (rede) permitindo operacionalidade; apoio financeiro negociado a médio prazo; relacionamento conveniado com Instituições Científicas e do Setor Empresarial e Financeiro);
- 3) **Own & Operate** (instituição, rede, financiamento e patrimônio próprios; definição de plano de negócios; estabelecimento de entidade legal adequada; operação e controle através de sistema “franchise”; controle de qualidade; crescimento de currículo; rede de instituições contribuidoras e distribuidoras).

A ideia exposta por Maritta Koch-Weser teria o custo de cerca de 10 milhões de reais em sua fase incubadora (3 anos). Entre as despesas previstas, estariam:

- 1) **Despesas equipe central (IEA/USP ou outros):** Cerca de dois profissionais, apoio administrativo, etc.
- 2) **Despesas compartilhadas em rede:** Consultores especializados/desenvolvimento currículo, workshops em rede, viagens, rede de internet e material de comunicação, criação de sistemas de memória compartilhada (filmagens, *case studies*, etc.).
- 3) **Despesas a nível de instituições participantes na rede (contribuidoras e distribuidoras):** Contribuições de módulos currículo; ensino piloto.

Finalizando sua exposição, Maritta afirmou que, para capacitar Recursos Humanos para uma maior “Valorização da Floresta em Pé”, a *Rainforest Business School* seria um caminho, não único, mas promissor. A formação de Recursos Humanos especializados

complementaria e fortaleceria um leque de estratégias e programas existentes, sistematizaria o aproveitamento de experiências acumuladas até hoje, captaria oportunidades ainda ociosas na agenda florestal (socioeconômica, climática, e de biodiversidade), podendo ser operacionalizada de forma modular e, por isso, rápida.

Coffee Break (10h45 às 11h00)

Mesa Redonda - 1ª Parte: Estratégias (11h00 às 12h15)

O moderador **Prof. José Pedro de Oliveira Costa**, vice-coordenador do grupo de pesquisa “Amazônia em Transformação: História e Perspectivas”, convidou os participantes a se apresentarem e assinarem a lista de presença do evento. Realizou-se também um convite para que os convidados assinassem um manifesto de apoio à “proteção e recuperação dos raros e ameaçados ecossistemas nativos da Serra da Mantiqueira”.

Prof. José Pedro, com auxílio do **Prof. Warwick Manfrinato**, pediu, então, para que os presentes comentassem brevemente sobre:

- 1) Perspectivas estratégicas na política ambiental, científica e acadêmica
- 2) Capacidades existentes e oportunidades de colaboração acadêmica e interinstitucional
- 3) Considerações para um desenvolvimento de projeto

Paulo Sotero, do *Wilson International Center*, é o primeiro a comentar, destacando os méritos da ideia de criação da *Rainforest Business School*. A primeira vez em que ouviu falar do tema foi através de uma apresentação de Carlos Nobre, realizada no *Wilson Center*, sobre *ITAs*, Institutos de Tecnologia da Amazônia, que objetivariam o desenvolvimento de produtos para exportação que valorizassem justamente a floresta em pé. Paulo Sotero questiona, então, quais seriam as objeções a um projeto desse tipo, sugerindo que essa poderia ser uma “forma eficiente de chegar às estratégias”.

João Meirelles Filho afirma que o Instituto Peabiru propôs uma Escola de Gestão da Amazônia, projeto que chegou a ganhar o prêmio Samuel Benchimol em 2012 na categoria Social. O convidado afirmou que observa um grande déficit na Região Amazônica na área de gestão e captação de recursos, além de altas taxas de analfabetismo. Por isso, o enfoque da *Rainforest Business School* não deveria ser apenas em cursos de mestrado, tendo em vista somente 3% da população amazônica teria graduação.

Gilberto Câmara sugere que haja mais clareza na definição e finalidade da *Rainforest Business School*. Aconselha que o projeto não seja relacionado ao setor universitário público brasileiro, mas sim atrelado à governança privada – como é o caso da Fundação Getúlio Vargas – para que haja mais agilidade e capacidade de cumprir metas.

José Goldemberg destaca que a afirmação de que “a Amazônia necessita de cientistas” pode ser muito equivocada, tendo em vista que ciência não é produto que se vende em supermercados. Apesar disso, o Prof. José Goldemberg considera a FGV um bom modelo a ser seguido, afirmando que o tema em discussão também não deixa de ser de especial interesse a economistas.

Sérgio Weguelin, do BNDES, afirma que a valorização da floresta em pé por meio de projetos, como a *Rainforest Business School*, faz todo o sentido e considera a iniciativa espetacular. Quando iniciaram o Fundo Amazônia, há cerca de três anos, realizou-se um seminário em que ficou clara a necessidade de trazer pesquisadores para a Amazônia.

Pensando de forma prática, como a possibilidade de ser o Fundo Amazônia um financiador da iniciativa debatida, Sérgio reitera a importância de formação de uma rede, pois um projeto desse tipo dentro de uma universidade e/ou departamento dificilmente conseguiria aprovação.

Há um grupo de oito instituições que está há quatro ou cinco meses trabalhando em uma rede semelhante, que pretende unir instituições nacionais e internacionais. A ideia é a criação de um Centro de Desenvolvimento na Amazônia para desenvolver Contabilidade Verde, Novos Indicadores e Balanços Ambientais. Segundo Weguelin, o consórcio de empresas desse projeto pode ser inspirador e/ou parceiro da *Rainforest Business School*.

Para o convidado, quando se fala em um conjunto de instituições trabalhando juntas com objetivos claros e plausíveis, a proposta fica mais consistente e faz mais sentido. Diante disso, Weguelin afirma que o Fundo Amazônia tem tudo para ser um dos financiadores do *start up* desse negócio, trazendo também conhecimentos práticos em business para a proposta.

Claudio Pádua, sobre possibilidades de colaboração acadêmica, afirma que já há na Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade um MBA em Negócios Ambientais que tem tudo a ver com a Amazônia. Há também um projeto de uma plataforma interinstitucional e internacional no Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) que converge com a ideia da *Rainforest Business School*, o que abre uma possibilidade grande de cooperação acadêmica.

Marcelo Vespoli Takaoka afirma que, para o sucesso desse programa, devem existir ações integradas e simultâneas de trabalho, entendendo as necessidades da população da região Amazônica.

Francisco Gaetani, Secretário-Executivo do Ministério do Meio Ambiente, afirmou que o principal problema para a realização de projetos como o colocado em pauta é a escassez do capital de coordenação na sociedade e no governo. Para o convidado, o projeto de uma *Rainforest Business School* é interessante e consistente para várias áreas do Ministério que, tanto direta, como indiretamente, se dispõe a colaborar para sua realização.

Tasso Azevedo elogiou o currículo apresentado no projeto em pauta e afirmou que, aperfeiçoado, o mesmo poderá formar rapidamente e de forma barata pessoas capacitadas para a valorização econômica da floresta em pé. O projeto poderia se inspirar nos cursos de Técnico e Pós-Técnico Florestais na Amazônia, criados há 15 anos, contratando os melhores profissionais de cada área a ser explorada.

Roberto Smeraldi disse que a proposta não de uma *Rainforest Business School*, mas de uma *Forest Business School* (focada mais nas cadeias da indústria, do comércio, do turismo etc.) também poderia ser interessante. Para o convidado, mapear e entender as atuais “demandas florestais” e *International MBAs* deve ser essencial nesse momento.

Denis Minev afirmou que existem inúmeras fontes de financiamento para a pesquisa na Amazônia hoje. No entanto, a falta de empreendedores da área, muitas vezes, causa gargalos nesses processos. Para o convidado, lidar com a floresta Amazônica, ao longo dos anos, tornou-se uma atitude criminalizável, formando uma atmosfera ruim incorporada pelos ambientes institucionais. A *Rainforest Business School* deve mudar essa realidade.

John Redwood afirmou que existe uma grande necessidade de avaliar o desempenho e resultado de investimentos na região de florestas tropicais. Através do projeto em pauta, um serviço nesse sentido poderia ser prestado, levando em conta a avaliação de iniciativas semelhantes criadas no passado e possibilidades de parcerias internacionais.

Leandro Piquet Carneiro atenta para a presença forte do crime organizado na região Amazônica, sugerindo que o assunto da criminalidade e da agenda negativa da região seja colocada no currículo da *Rainforest Business School*.

Vânia Rudge elogia o currículo proposto e afirma que a capacitação de governo, empresas e organizações do terceiro setor é indispensável para o projeto. A otimização de processos, com a junção/parceria entre iniciativas no mesmo sentido, pode ser uma alavanca para que o projeto seja colocado em prática.

Paulo Nogueira-Neto relembrou a necessidade de maior atribuição de valor à produção florestal para que sejam criadas demandas, a necessidade de manter o território ocupado nas regiões de fronteira, a melhoria das condições econômicas nessas regiões etc.

Luis Fernando Laranja afirmou que não há ambientes institucionais que suscitem o empreendedorismo na região amazônica, ressaltando a importância do envolvimento dos atores locais no processo de concepção da *Rainforest Business School*.

Paulo Artaxo sugeriu que o próximo workshop seja realizado na Amazônia, com os agentes locais, e que o projeto em pauta integre de forma realista ONGs, setor privado e área acadêmica. A diversidade regional da Amazônia também não deve ser esquecida, segundo o professor.

Anne Gander afirmou acreditar que, em momentos anteriores, o Banco Interamericano de Desenvolvimento já havia demonstrado interesse em apoiar a iniciativa em pauta, por esta estar alinhada a vários projetos de cooperação técnica previstos pelo BID. Anne disse não poder apontar no momento quais fundos específicos seriam indicados para o financiamento da proposta, mas comprometeu-se em verificar as informações na instituição que representa.

Roberto S. Waak reforçou a importância da discussão sobre o ambiente institucional para a alocação da proposta, lembrando-se da lentidão muitas vezes presentes nas instituições públicas.

Ima Vieira atenta para a relevância dessa mesma discussão, perpassando pela questão do aperfeiçoamento dos currículos propostos. A convidada relembrou iniciativas como uma Universidade da Floresta, Bolsa de Negócios entre POLI e Esalq, que devem ser analisadas para aprendizado.

Paulo Sotero sugere que o nome da proposta seja estabelecido em português e em inglês para que o estabelecimento da questão da marca seja realizado de forma forte.

Maritta Koch-Weser agradece os comentários dos convidados e, em resposta a questões de Sérgio Weguelin, afirma que a intenção do processo incubador é justamente definir coproprietários e colaboradores para a proposta. O desenvolvimento do projeto da *Rainforest Business School* deve ser realizado de forma colaborativa, por meio de grupos de trabalho a serem detalhados.

Maritta afirma ainda que o aperfeiçoamento do currículo proposto é indispensável, salientando a importância da formação de mosaicos regionais para que o projeto não se perca em generalizações e superficialidades.

Mesa Redonda - 2ª Parte: Operacionalização e Financiamento (12h15 às 13h30)

Nesta parte da mesa-redonda, o moderador Dr. Fabio Feldmann convidou os participantes a comentar sobre Linhas de Financiamento e Co-Financiamento a serem considerados para:

- A preparação durante os próximos meses de um projeto financiável (Project Preparation Facility);
- Opções de financiamento de uma fase incubadora/start-up de três anos;
- Opções a médio e longo prazo.

Fabio Feldmann comenta que, na primeira parte do evento, foi possível observar um consenso geral de que [1] há uma demanda por iniciativas novas, [2] existe um conjunto de iniciativas a ser incorporada à *Rainforest Business School*, para não haver duplicidade ou multiplicidade, [3] existe a necessidade criar um modelo de governança e verificar as formas de financiamento do projeto.

Na visão do convidado, é necessário criar uma equipe para sistematizar o que já existe de iniciativas semelhantes para aperfeiçoar o projeto e submetê-lo a órgão de financiamento, como o BNDES, o BID e outros órgãos que, nessa reunião, ofereceram apoio e oportunidades.

Maritta Koch-Weser demonstra interesse de que o projeto obtenha financiamento para os três anos incubadores e ofertas de trabalho/financiamento por parte do setor privado e de suas fundações. A ambientalista também afirma que o projeto precisa de um “mini financiamento” em sua fase inicial e de uma equipe que prepare melhor as propostas detalhadas e a estrutura da ideia. Fundos de Endowment – que poderiam ser oferecidos por George Soros, Bill Gates, por exemplo – também podem ser alcançados para o financiamento do projeto em sua fase posterior.

Henrique Paiva, da Siemens, afirma que a empresa que representa tem dificuldades em encontrar engenheiros com certas especificações e, dessa forma, a companhia apoia projetos que formam recursos humanos interessantes para ela. O convidado afirma que a *Rainforest Business School* como formadora de empreendedores pode representar um empecilho para que algumas empresas invistam grandes quantidades financeiras no projeto.

Henrique diz também que as empresas podem contribuir, e muito, para o aperfeiçoamento do currículo proposto, seja assumindo cadeiras ou auxiliando de alguma outra maneira.

Fabio Feldmann afirma que a *Rainforest Business School* pode dar, como contrapartida à Siemens, maior visibilidade à marca, por exemplo.

Luiz Gylvan Meira Filho afirma que a Vale criou e patrocina a ITV que tem liberdade acadêmica de publicação. Por outro lado, o convidado diz não poder falar pela Vale, pois a ITV é uma outra instituição, possui outro CNPJ. Gylvan afirma que há uma premissa de que a comercialização de produtos da flortesta não funciona por falta de empreendedores ou de pessoas qualificadas, premissa com a qual ele não concorda.

Ana Lucia Azevedo apresenta sua visão como jornalista, colocando a desconfiança existente na Academia da Amazônia em relação à indústria na região. A convidada afirma que deveria haver uma mudança de cultura nessas instituições.

João Meirelles afirma que há uma carência/demanda na região de Macapá, São Luis, Pará e do Amazonas por capacitação de qualidade. As oportunidades existentes na região são muito limitadas, segundo ele. Para o João, o projeto *Rainforest Business School* precisa agora de um plano estratégico de captação de recursos.

Henrique Rzezinski disse que é fundamental contar com um empresariado que tem efetivamente uma visão de inovação e uma consciência social e planetária para a realização do projeto. O plano estratégico de *Fundraising* deve levar em conta esses aspectos. A BG do Brasil, segundo o convidado, está criando seu Centro de Tecnologia Global no país, sendo parceira da Petrobrás nos campos de pré-sal.

De acordo com Rzezinski, a BG do Brasil tem um programa muito ambicioso de pesquisa e desenvolvimento e está olhando com a maior simpatia para o projeto *Rainforest Business School*, do qual gostaria de ser partícipe.

Claudio Valladares Pádua reintera a importância de existência de uma força externa que ajude a criar na região amazônica uma nova economia e pessoas capacitadas a vislumbrar empreendimentos mais complexos e inovadores.

Helena Ribeiro fala sobre uma experiência científica de que participou na Reserva Extrativista Chico Mendes no Acre. Segundo a professora, as pessoas que moram na região preferem criar gado – mesmo correndo riscos de serem punidas – a investir na extração da seringa e na produção de castanha, que são menos rentáveis. Dessa maneira, seringueiros, castanheiros e madeireiros seriam setores com interesse em participar do projeto.

Maritta afirma que o cálculo de investimentos que o projeto precisa é de cerca de três milhões de reais por ano no período incubador. Além disso, seria interessante pensar em três reuniões na Amazônia (Belém, Manaus e Acre) dentro dos próximos dois ou três meses, com a finalidade de fazer uma nova versão do *paper* apresentado, incluindo as contribuições,

conselhos e dúvidas apresentadas nesta reunião. Assim, seria possível manter contato com a rede formada pelo BNDES, citada pelo Sérgio, por exemplo.

Maritta questiona aos participantes sobre quem gostaria de participar do grupo de trabalho que arregaçaria as mangas e contribuiria de forma mais próxima com o projeto e quem estaria interessado em se inscrever num grupo mais deliberativo e conselheiro. Segundo Maritta, um projeto como o apresentado não sai somente com dinheiro, mas também com gente engajada.

José Pedro de Oliveira Costa reintera a necessidade de trabalho em rede para a realização do projeto e a sistematização de iniciativas (de sucesso ou não) semelhantes à proposta para que sejam analisadas e, se possível, integradas ao projeto. O professor disse ter assistido ao lançamento de um centro de sustentabilidade para as Américas pela *Conservation International*, cujo diretor para a América Latina, Fábio Scarano, demonstrou interesse em trabalhar integradamente no projeto *Rainforest Business School*.

Gilberto Câmara afirma que o trabalho em rede não cria institucionalidade que é necessária, segundo ele, para que o projeto saia do papel.

Maritta Koch-Weser afirma que a ideia de trabalho em rede – ou de contribuidores e contribuidoras, caso prefiram – só vai funcionar com uma “casa” e uma equipe de primeira classe no meio, a fim de conseguir alcançar o nível de qualidade pretendido. A participação cooperativa, em grupo, em rede é sempre atrelada a um produto concreto, como, por exemplo, na criação de um grupo de trabalho para a fase incubadora, por exemplo.

Warwick Manfrinato aponta que o maior problema a ser discutido na reunião é a questão do financiamento para a fase inicial do projeto, principalmente, os primeiros seis meses.

Leandro Piquet Carneiro afirma que a proposta certamente gerará interesse em várias unidades da USP. O Instituto de Relações Internacionais tem conversado com Fábio Feldmann sobre a realização de seminários sobre o tema ambiental. Na medida em que esses conteúdos e cursos venham a estar disponíveis, o IRI vai ter interesse em articular e/ou oferecer cursos, sendo um espaço de ressonância dessa iniciativa.

João Meirelles diz que a legislação brasileira prevê a criação de consórcios que podem ser um caminho rápido para o encaminhamento do projeto nessa fase. Outro caminho seria a utilização de ONGs para a captação de verbas ou até mesmo a criação de uma nova organização não governamental pequena, que pode ou não ter vida duradoura, mas já partiria de uma certa massa crítica de pessoas. O convidado afirma que essa terceira iniciativa seria a mais interessante a seu ver, contudo, diz que criar uma ONG é fácil, difícil é mantê-la.

Gilberto Câmara considera que não seria adequado neste momento fazer um seminário em Belém, um no Acre e outro em Manaus, pois é preciso chegar na Amazônia com o projeto melhor trabalhado, indicando a forma como a *Rainforest Business School* vai trabalhar (modelo institucional), o modelo de governança dela, os financiamentos que serão possíveis, etc.

Ima Vieira concorda e diz que a ideia requer um pouco mais de amadurecimento para que o projeto possa avançar. A convidada afirma que sente falta de um representante da Fundação Getúlio Vargas na reunião, pois a instituição poderia contribuir com sua visão e experiência.

Maritta Koch-Weser afirma sempre existirão conflitos na questão da participação (ou não) dos agentes da Amazônia no processo inicial de formulação do projeto. Caso se defina demais, os locais podem dizer que não participaram da formulação da proposta. Se o projeto chegar “cedo” demais, também ocorrerão conflitos. Para Maritta, a questão é complexa, mas o projeto deve ser participativo desde sua concepção.

José Pedro de Oliveira Costa concorda que a proposta deve ser aperfeiçoada.

Martin Grossmann diz que a infraestrutura do IEA, que está investindo em Internet 2.0 atualmente, está à disposição para debates e reuniões que possam contar com pessoas que não estejam em São Paulo, por exemplo. O IEA pode ser um campo fértil para possibilitar o florescimento desse projeto, seja através de contratações de serviços ou através de sua chancela para atrair doadores e financiadores e realizar a gestão das verbas.

Anne Gander afirma que, para que a proposta seja apreciada pelo BID, é importante saber qual instituição vai representar o projeto.

Denis Benchimol Minev acredita ser melhor ir cedo à região amazônica com o projeto ainda não consolidado, para evitar uma atitude “colonialista” por parte dos envolvidos. A “marca” USP poderia ser usada, devido ao grau de admiração que possui. Para o convidado, FAPEAM (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas), UFAM (Universidade Federal do Amazonas), UEA (Universidade do Estado do Amazonas) e INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) precisam estar envolvidos no processo.

Ima Vieira afirma que é preciso reconhecer na Amazônia quais instituições poderiam ser parceiras do projeto (trabalho que pode ser feito à distância) para, assim, apresentar o projeto na região.

Roberto Smeraldi afirma que o grupo deve considerar *stakeholders* locais, mas também *stakeholders* relevantes fora da Amazônia.

Vânia Rudge afirma que o Grupo Centroflora, como empresa de médio porte, pode contribuir com recursos humanos. Vânia coloca à disposição o quadro pessoal do grupo para que o mesmo possa contribuir com o conhecimento que tem de floresta para o aperfeiçoamento do projeto. Segundo Rudge, financeiramente, há certa dificuldade de aporte, mas com recursos humanos o Grupo Centroflora pode contribuir com a ideia.

Intervalo (13h30 às 14h00)

Mesa Redonda - 3ª Parte: Agenda 2013 (14h00 às 16h00)

Nesta parte final do evento, a moderadora **Maritta Koch-Weser** convidou os participantes a formular passos, possíveis compromissos de colaboração e contribuições institucionais referentes a um programa de trabalho para um futuro imediato, especialmente em fins de fevereiro e 1º de maio de 2013.

Sérgio Amoroso apresenta o Projeto Jari e afirma que ele poderia constituir-se em um campus avançado de trabalho (base) que contribuiria com conhecimento e estrutura à *Rainforest Business School*. Uma ideia do Projeto Jari que está pouco lapidada, mas que seria um diamante na visão do convidado, é um teste de manejo de nativas que está sendo realizado há 30 anos (certificado há dez). Sérgio Amoroso coloca o Projeto Jari à disposição para colaborar com o projeto em pauta.

Maritta Koch-Weser afirma que um elemento da proposta é integrar currículos que já existem e, em paralelo, ir trabalhando na elaboração de *case studies* inéditos, necessários e de credibilidade. Maritta sugere que a fundação representada por Sérgio auxilie nesse propósito, financiando um ou dois estudantes de *Business* para que haja prática nesse campus avançado.

Sérgio Amoroso responde positivamente à sugestão.

Luiz Gylvan Meira Filho afirma que, inevitavelmente, os convidados devem sair do evento com o compromisso explícito ou implícito de estender um pouco mais a sua colaboração com o projeto (não em rede, afirma) para ajudar o núcleo central que está no IEA em alguns aspectos iniciais da *Rainforest Business School*. Acredita ser um consenso a necessidade de gerar um documento de caráter executivo com medidas e passos, nos próximos meses. Para Gylvan, há um aspecto que não foi incluso ao projeto: a revisão crítica do mesmo. Isso serviria para ter certeza de que o chão é firme em cada etapa que se caminha.

Paulo Nogueira-Neto acredita que os presentes, principalmente os da área acadêmica, estão aptos a dar um esforço pessoal de fazer parte de cursos, etc. Para o convidado, essa seria

uma das possibilidades mais acessíveis, pois se lida com conhecimento próprio a ser exposto, discutido e difundido. O curso poderia trazer discussões sobre certos conhecimentos e assuntos para que vários tipos de possibilidades sejam melhor estudadas, como a questão do aquecimento climático etc.

Para o convidado, diversas companhias poderiam oferecer recursos para que a entidade a ser formada tenha uma atuação mais ampla, custeando viagens e outras despesas. Nogueira-Neto disse que, muitas vezes, os professores e outros profissionais presentes na reunião não podem assumir compromissos sem consultar seus superiores hierárquicos. Por sua grandiosidade e nível em que se encontra, o convidado afirmou que a USP poderia ajudar muito no projeto.

Helena Ribeiro afirma que, para o andamento do projeto, são necessários o capital intelectual e o compromisso das pessoas, o que, a seu ver, foi obtido nesta reunião. Há um consenso de que precisa ser definido onde a *Rainforest Business School* irá se localizar e que nível de estudo irá abranger (graduação, pós graduação, especialização...). Para a convidada, talvez o grupo de convidados possa definir e procurar algum parceiro. A Faculdade de Saúde Pública e outros órgãos da USP (como, IRI, Instituto de Física etc.) poderiam fazer parte de um grupo de realização de um curso interdisciplinar. Um convite à FEA (Faculdade de Economia e Administração/USP) seria essencial.

Helena acredita que um prédio, em um primeiro momento, não seria necessário. No âmbito a USP, obviamente, haveria um abraço coletivo à ideia do projeto, mas seria interessante não excluir os parceiros da iniciativa privada e de ONGs. Fazer um orçamento das despesas com valores mais reais seria necessário para conseguir os financiamentos, na opinião da convidada.

Paulo Artaxo acredita que um dos desafios para o projeto é a questão da institucionalização. Artaxo acredita que não falta dinheiro e financiamentos para a atividade, mas sim uma maneira de organizar o projeto por meio de uma administração eficaz, leve e desburocratizada. Conversar com o pessoal da área de sustentabilidade da FGV, para consultá-los se há interesse no projeto. Outra alternativa seria fazer uma parceria entre ITV-Belém, Universidade Federal do Pará, por exemplo.

Paulo afirma não ver a possibilidade de muitas instituições trabalharem em rede de forma eficiente. O convidado afirma que a tarefa dos presentes na reunião, até maio, seria procurar possibilidades leves, concretas e eficientes para que o projeto avance. Em paralelo, deve-se ir melhorando o conteúdo da proposta, aumentando a participação de instituições da região Amazônica no processo. Se pudessem pré-marcar uma reunião para maio, de

preferência em Belém (com o apoio da ITV, do Museu Paraense Emílio Goeldi), seria uma situação ideal, na visão do convidado.

John Redwood sugere que o grupo consulte os currículos de *Business Schools* já existentes para que o projeto possa se aperfeiçoar, inclusive na questão do valor agregado, liderança, marketing etc. Uma solução seria entrar em contato com a FGV ou outra instituição para engajá-la(s) ao pequeno grupo de trabalho que vai liderar/elaborar a próxima etapa da proposta.

John afirma que possui alguns contatos no Banco Mundial e no BID e se coloca à disposição para contatá-los para que auxiliem no decorrer do projeto em segmentos eventuais. Para John, diversificar as fontes de financiamento é importante para que o projeto seja encaminhado.

Maritta Koch-Weser confirma o interesse do grupo em conversar com a FGV em maio ou antes.

Gilberto Câmara afirma que há diferentes figuras jurídicas no Brasil (ONGs, OSCIPs etc.), o que muitas vezes não acontece em outros países. Entender e definir bem essas questões pode auxiliar o grupo a definir suas estratégias de governança e financiamento.

Claudio Valladares Pádua afirma que, se tiverem que criar uma mantenedora, é melhor criar uma ONG e não uma OSCIP porque, se eventualmente quiserem cobrar dos alunos algum tipo de pagamento, as OSCIPs não são poderão fazê-lo.

Maritta Koch-Weser pergunta se Gilberto Câmara e Claudio Valladares Pádua aceitam ser consultados em relação a esses aspectos. Os convidados respondem afirmativamente.

João Meirelles Filho afirma que poderá contribuir na área de captação de recursos. Sugere que sejam criados pequenos grupos de trabalho: um que analisará a institucionalidade, outro que ficará com a captação de recursos (junto à divulgação do projeto, por exemplo) e outro que cuidará da questão curricular. O convidado afirma que as OSCIPs têm a vantagem de poder estabelecer convênios com o governo, coisa que as ONGs não podem.

O ideal, para João, é que não se tenha uma figura jurídica única, mas sim parceiros que são OSCIPs, parceiros que são ONGs etc. Escritório de advocacia de referência que possam auxiliar nesse processo seria essencial. O convidado diz que pode indicar um na Amazônia. João afirma que o Instituto Peabiru pode oferecer seu endereço, bem como se oferecer para receber financiamentos/verbas como OSCIP, assim como ONGs e outras instituições podem se oferecer nesse processo.

Paulo Sotero pergunta: “Para o recebimento de financiamentos do BID e do BNDES, por exemplo, qual seria o modelo ideal de figura jurídica? Esse modelo é compatível com o que se pretende fazer?”.

Maritta Koch-Weser afirma que precisa ser pensado um modelo para a fase incubadora (com a sigla da USP) e também para a fase duradoura do projeto, pois essa institucionalização precisa já ser encaminhada desde já. O projeto não poderá ficar na universidade, só poderá ser iniciado nela.

Denis Benchimol Minev afirma que o nível de fiscalização de uma Fundação é altíssimo e a equipe precisa estar preparada com o auxílio de bons advogados caso queira se institucionalizar corretamente, seja como Fundação, ONG, OSCIP ou outra modalidade. O convidado afirma que o auxílio da FGV pode ser muito importante.

Claudio Valladares Pádua afirma que BID e BNDES têm dificuldades em financiar órgãos não governamentais. A proposta *Rainforest Business School*, na opinião do convidado precisará de uma fórmula sofisticada para alcançar os resultados pretendidos.

Anne Gander afirma que não pode sair da reunião garantindo certos resultados, mas compromete-se em rapidamente verificar dentro do BID quem poderia ser beneficiário de um financiamento nos moldes conversados, lembrando que uma cooperação técnica dentro do BID leva de três a quatro meses para ser aprovada. O retorno sobre a questão será dado à Maritta, o quanto antes, segundo a convidada.

Maritta Koch-Weser afirma que o desenvolvimento do currículo da *Rainforest Business School* é o coração do projeto. Segundo a coordenadora, se pudessem se anexar a uma *Business School*, seria uma estratégia interessante.

Gilberto Câmara afirma que existem poucas escolas de empreendedorismo no Brasil. O convidado afirma que a FAPESP possui programas de apoio à pesquisa voltada para o mercado, programas esses que envolvem a existência prévia de entidades com modelos de governança legalizados, como universidades ligadas a órgãos privados com projeto na área de business, por exemplo.

Ima Vieira sugere que se avance mais no modelo institucional para que a proposta seja apresentada na região amazônica. A convidada afirma que conversará com a direção do Museu Paraense Emílio Goeldi e coloca a instituição à disposição para diálogos, lembrando, no entanto, que missão do museu não é a criação/apoio a *Rainforest Business Schools*.

Maritta Koch-Weser afirma que o Museu Paraense Emílio Goeldi poderia contribuir como parceiro com a questão do aperfeiçoamento do currículo do projeto, por exemplo.

Claudio Valladares Pádua afirma que a FGV pode ser uma boa parceira no quesito educativo, mas sua estrutura também é complexa e, às vezes, lenta a seu ver. Cláudio se compromete a apresentar a ideia da *Rainforest Business School* a um projeto do qual participa dentro da FGV para ver quais resultados podem ser obtidos a partir disso.

Oswaldo dos Santos Lucon afirma acreditar que a discussão em pauta acaba tangenciando os objetivos climáticos, devido ao baixo grau de investimento envolvido e outros pontos. Em sua opinião, um *Rainforest Business* nasce quando há demanda e *enforcement* (*carbon taxes / cap-and-trade*). Pra forçar o lado da demanda a USP tem *expertise*, conhecimento e ferramentas ainda não exploradas.

Marcelo Vespoli Takaoka afirma que, antes de implantar a escola de negócios, é importante entender quem são os *stakeholders* locais, quais são as atividades econômicas que têm interesse na Amazônia (perfil de demanda), que tipo de pessoas essa escola deve formar para aumentar a eficiência da proteção das florestas etc.

Maritta Koch-Weser afirma que, nos próximos passos, [1] caminhos institucionais e legais devem ser estabelecidos; [2] os currículos do projeto devem ser aperfeiçoados e reformulados e [3] os centros de demanda nas diferentes partes da sociedade devem ser definidos mais detalhadamente.

Sergio Antonio Garcia Amoroso questiona se um grupo que está em contato com o Ministério do Meio Ambiente para tratar sobre “*Business na floresta*” foi convidado para a reunião.

Maritta Koch-Weser afirma que convidá-los em um próximo momento seria muito importante, para que não sejam repetidos trabalhos já realizados.

Sergio Antonio Garcia Amoroso se compromete a colocar Maritta em contato com o grupo mencionado.

Fábio Feldmann se dispõe a ajudar na questão jurídica e institucional discutida, formando um grupo de trabalho para se aprofundar na questão.

João Meirelles Filho lembra que *Rainforest* é um termo que abarca as florestas tropicais, as quais no caso brasileiro significam não só a Amazônia, mas também a Mata Atlântica.

Gilberto Câmara afirma que a proposta deve ser discutida e delimitada de forma cuidadosa, resolvendo, por exemplo, se incluirá em suas atividades a questão da cadeia do óleo de palma e outros assuntos que poderão gerar polêmica.

Maritta Koch-Weser agradeceu a presença e contribuição de todos, afirmando que a reunião serviu para avançar em muitos pontos do projeto, como questões institucionais, financiamentos e aperfeiçoamentos de currículo.

Martin Grossmann parabeniza a iniciativa e encerra a reunião, disponibilizando a infraestrutura, a chancela, a capacidade de negociação e os *track records* do IEA para auxiliar no desenvolvimento do projeto. Segundo o diretor, a ajuda de parceiros – seja por meio de consórcios ou outras modalidades nacionais e internacionais – será importante para que a proposta seja colocada em prática e avance rumo a seus objetivos.